



PONTO DA MEMÓRIA MISSIONEIRA E MUSEU DAS MISSÕES: DISCURSO, MEMÓRIA E SUAS VERSÕES

Adrieli da Silva Muller¹

Caroline Mallmann Schneiders²

INTRODUÇÃO

O presente estudo está vinculado ao projeto “O funcionamento discursivo da história e da memória em torno dos discursos das/nas Missões do RS”, o qual visa a uma reflexão em torno de questões que perpassam a história e a memória da região das missões do Rio Grande do Sul (RS), tomando por base a observação de diferentes materialidades discursivas. Buscamos realizar, inicialmente, um estudo sobre os discursos do e no “Museu das Missões”, um importante museu localizado no município de São Miguel das Missões/RS. Nosso objetivo central é observar a maneira como os discursos do/no Museu das Missões são determinados histórico e ideologicamente, produzindo efeitos de sentido em torno da língua, da memória e da história que estão ali preservadas/guardadas.

Para realizarmos esta reflexão, mobilizamos, juntamente com o Museu das Missões, um outro Museu, situado no mesmo município, denominado “Ponto da Memória Missioneira”, o qual se constitui como um espaço de memória remanescente da chamada Redução Jesuítica dos Guaranis. Tendo em vista esses dois objetos, interessa-nos compreender o funcionamento discursivo destes dois espaços que visam guardar/preservar a história e a memória em torno das reduções jesuíticas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, embasamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso franco-brasileira.

Deste modo, explicitamos a historicidade e a memória que afetam o imaginário local a partir do modo como esses dois museus produzem uma narratividade sobre os fatos da história. Ou seja, compreendemos os efeitos ideológicos e de relações de poder constitutivos dos discursos inscritos nesses museus.

APRESENTANDO OS MUSEUS

Em nossa reflexão, o museu constitui um objeto de estudo compreendido a partir de um dispositivo teórico-analítico. O Museu das Missões faz parte do Instituto Brasileiro de Museus projetado pelo arquiteto Lucio Costa, sendo localizado dentro do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS). A criação oficial do museu ocorreu através da promulgação do Decreto-lei nº 2.077, de 8 de março de

¹ Graduada de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Cerro Largo*, contato: adrieli.muller123@gmail.com

² Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Linguística junto ao Curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Cerro Largo*.

1940, pelo presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de “reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do País” (BOTELHO; VIVIAN; BRUXEL, 2015, p. 50).

Seu acervo museológico institucional é constituído por peças elaboradas e valorizadas naquele período composto por uma rica coleção de esculturas missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, sendo conhecido como arte sacra missional, manifestações da arte indígena colonial³. Contudo, o Museu das Missões pertence ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nele encontra-se um precioso acervo museológico institucional, que hoje representa uma das maiores coleções públicas de imagens missioneiras de madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, do Mercosul.

Ao refletirmos sobre o funcionamento discursivo dos museus, conforme Orlandi (2017, p. 67), entendemos que trabalhamos com versões sobre os fatos que ali estão guardados. Nesse sentido, buscamos também compreender os efeitos de sentido que o Museu Ponto da Memória produz, museu localizado próximo ao Museu das Missões e ao Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, o qual não dispõe da mesma visibilidade que o Museu das Missões. Esse Museu, transformado pela comunidade de São Miguel das Missões como um espaço de memória remanescente⁴ da chamada Redução Jesuítica dos Guaranis, guarda elementos arquitetônicos que remontam ao período chamado Trinta Povos das Missões (séculos XVII e XVIII), artefatos e instrumentos utilizados por imigrantes deste território entre os (séculos XIX e XX), além de guardar bens materiais da cultura indígena, especialmente da Mbyá-Guarani, também há uma Opy (Casa de Reza), onde se realiza o benzimento, nomeado como Ritual da Erva Mate (caá).

Tendo isso em vista, analisamos de que artefatos são constituídos esses museus, o que constitui cada um, além de podermos refletir sobre a questão de quem pode e deve ser homenageado em um museu, e o que deve preenchê-lo. Contudo, a memória que constitui esses museus também é feita de falhas, esquecimentos e silenciamentos, o museu é um lugar de memória “constituído do encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo-documento são uma presença ausência no espaço público e significam no entremeio entre campos disciplinares” (VENTURINI, 2017, p. 55).

EFEITO DO E NOS MUSEUS

O Museu Ponto da Memória Missioneira é uma iniciativa de memória comunitária que surge, conforme Vivian (2012), em um ambiente marcado de insatisfação em relação às políticas oficiais de preservação dos bens culturais existentes nas Missões, em que os miguelinos foram excluídos das decisões sobre esse patrimônio que faz fronteira com o quintal de suas casas. O Museu Ponto da Memória Missioneira visa “atender os diferentes grupos sociais do Brasil que não tiveram a oportunidade de expor suas próprias histórias, memórias e patrimônios nos museus, estando em sintonia com as diretrizes que sustentam a própria Política Nacional de Museus” (VIVIAN, 2012, p. 204).

³ Tais informações foram retiradas do site: <https://www.museu-das-missoes.museu.gov.br/o-museu/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁴ Tais informações retiradas do site: <http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1161/manancial-missioneiro.html>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Levando em consideração os dois museus aqui citados, entendemos que “pensar em museus, implica pensar, também, na discursivização deles, pensando nos modos como esses lugares se contam e se significam” (VENTURINI, 2020, p.32) se constrói um imaginário e ilusão de que vamos encontrar um todo, ao observar esses dois importantes museus devemos desconstruir as ilusões de clareza e completude, vai haver sempre incompletude e diferentes formas de interpretação em que ocorre a predominância de uma das interpretações, e silenciamento das demais. De acordo com Orlandi (2007), o modo de apagar sentidos e de silenciar é um silêncio significativo, ou seja, ele significa sempre, sempre se diz algo a partir do silêncio. Contudo, nos Museus, compreendemos que há, sobretudo, uma memória institucionalizada, além deste efeito da memória discursiva, a qual

[...] é estruturada pelo esquecimento. É quando esquecemos como um sentido se constituiu em nós que ele passa a produzir seus efeitos, entre eles, o principal, de que este sentido, quando falamos, nascem em nós, quando, na realidade para significar é preciso que as palavras, expressões, proposições já signifiquem. Retomamos sentidos já existentes, efeitos do já dito e esquecido em nós. (ORLANDI, 2014, p. 6).

Ao pensarmos discursivamente os museus aqui expostos nesse estudo, interpretamos “e a interpretação é um gesto do sujeito carregada de ideologia, que torna evidente o que na realidade se produz por complexas relações entre sujeitos, língua e história, resultando em diferentes formações discursivas” (ORLANDI, 2017, p. 57), ou seja, o museu não é transparente, ele tem o seu modo de funcionamento e deve ser interpretado. Para nós, é preciso:

Considerar os museus como práticas de significação, que materializam o confronto do simbólico com o político, conduz a refletir sobre o modo como o processo discursivo é constituído, em especial, como as formações discursivas, as formações ideológicas e a memória discursiva se constituem neste espaço significativo que é o museu. (MASSMANN, 2020, p. 558).

O discurso-museológico que encontramos no Museu das Missões vincula-se à arte barroca utilizada pelos jesuítas como estratégia de “catequizar” os indígenas; enquanto no Museu Ponto da Memória Missioneira vai funcionar discursivamente valorizando a missão de expressões culturais dos povos indígenas. Podemos observar, conforme Orlandi (2015), que o sentido sempre pode ser outro, deriva efeito metafórico e o que chamamos deslizamento sempre estão funcionando ao mesmo tempo em que a memória no confronto da memória constituída pelo esquecimento e na memória de arquivo, a que não se esquece.

Retomando a questão do arquivo nos museus, segundo Cervo (2015), o arquivo é um resultado de ordenamento de documentos (públicos e privados) e resultado de um trabalho de leitura, práticas essas que operam sempre em relação ao que não foi escolhido ao gesto de interpretação que dá contorno à organização dos elementos e à construção da narrativa, sendo essa uma prática política e de poder sobre a memória, devido à prática de arquivo ser uma decisão entre o porquê, como e por quais meios contar uma história sobre a memória. Assim, ambos os museus aqui citados são compostos por um arquivo que visa manter uma memória institucionalizada e também, por meio do qual, “o sujeito (se) significa, afetado pelo funcionamento da memória discursiva, do interdiscurso, de outro, e ao mesmo tempo, relação ideologia e inconsciente materialmente ligados” (ORLANDI, 2017, p. 310).

Todavia, outro elemento importante nesta análise é o fato de entendermos o Museu das Missões como um Aparelho Ideológico do Estado, os quais “funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia” (ALTHUSSER, 1980, p. 47), uma vez que os miguelinos não falam, eles são falados “seu dizer está predeterminado pela posição do colonizador” (ORLANDI, 2008, p. 60). Já o Museu Ponto da Memória parte de iniciativa privada e comunitária e surge para representar a identidade de seus antecedentes, uma forma de resistência aos apagamentos da sua história realizada pelo Estado.

NARRATIVIDADE E VERSÕES PRESENTES NOS MUSEUS

O museu é um resgate da memória e da história que põe em jogo “um enredo, um relato, uma narrativa [...] um espaço discursivo no qual muitas posições-sujeitos encontram-se em confluência” (ROMÃO, 2011, p. 65). Entretanto, nesse estudo, nosso interesse recai sobre a narrativa que se faz presente no funcionamento discursivo desses museus:

A narrativa é funcionamento, inscrição no que, na Análise de Discurso, denominados historicidade: relação do discurso com sua exterioridade, relação entre sujeito, memória discursiva, ou interdiscurso e condições de produção. Considerando a narrativa-tomada no funcionamento da memória -, em sua definição, como o modo como a memória se diz, se reporta, vinculando o sujeito individuado a espaços de interpretação, em práticas discursivas determinadas. (ORLANDI, 2017, p. 313).

Além disso, podemos observar “a narrativa como a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu “pertencimento”) sua existência e espaços de interpretação determinados” (ORLANDI, 2017, p. 106), ou seja, a narrativa como constitutiva no funcionamento da memória.

Em contraponto, o Museu Ponto da Memória vai trazer uma nova narrativa, para nós, “vai pôr em movimento a rachadura que lhe permitiu surgir sendo fundado em outro momento sócio-histórico, manifestando efeitos de desconstrução e recomposição” (ROMÃO, 2011, p. 70).

Assim, ambos os museus produzem uma versão da história ligado a questões do político e da ideologia. O Museu das Missões, por ser um dispositivo do governo brasileiro, ou seja, um “aparelho ideológico de Estado funciona de um modo massivamente prevalente pela ideologia” (ALTHUSSER, 1980, p. 47), utiliza-se de um discurso predominante de poder para perpetuar determinada versão dessa história. E o Museu Ponto da Memória manifesta-se com iniciativas particulares, segundo Luiz Vivian, este museu busca narrar e expor as próprias memórias e patrimônios dos miguelinos por terem sido excluídos das decisões deste patrimônio anteriormente.

Em nossa análise, compreendemos que, nos museus, há falhas, rupturas e deslizamentos, percebendo apagamentos de fatos históricos, predominando uma única versão da história, como no Museu das Missões encontramos a herança do “colonizador” enquanto no Museu Ponto da Memória Missioneira prevalece a herança de vários povos que fazem parte da identidade dos miguelinos, pois parte de um “processo museal de natureza comunitária e popular, capaz de dar sentido a uma forte vontade política de memória existente entre moradores de São Miguel das Missões” (VIVIAN, 2012, p. 1908).

É interessante observar, a partir de nosso olhar visitante-observador, que se encontra no Museu das Missões uma versão da perspectiva do colonizador sobre o povoamento nas Missões; em oposição, o

Museu Ponto da Memória Missioneira traz mais de uma versão da história, guardando “objetos que fazem referência à imigração europeia, o acervo contempla bens da cultura material dos Mbyá Guarani, como instrumentos musicais, utensílios em cerâmica, artefatos em rocha, entre outros” (VIVIAN, 2012, p. 1209) e também objetos que fazem referência a grupos africanos que foram escravizados e viveram na região missioneira, está exposto neste mesmo local apetrechos utilizados na lida campeira por membros dos (CTGs), que se categoriza como pertencente da cultura “tradicionalista”.

Em síntese, consideramos as narratividades presentes nos museus “como parte do processo de interpretação e da constituição metafórica do sujeito e do sentido. A materialidade da interpretação consistiria, assim, no funcionamento da ideologia e da textualização da memória pela narratividade” (ORLANDI, 2017, p. 107), ou seja, a narratividade está ligada ao funcionamento da memória e do discurso que se constituem presentes nos museus “[...] as tramas que estruturam o museu são tecidas por sujeitos, filiados a tempos e a lugares, sendo submetidos a versões de uma história, notadamente, a história que interessa às instituições” (VENTURINI, 2020, p. 29).

CONCLUSÃO

Podemos concluir que os discursos dos e nos museus aqui mencionados repetem um passado, os silêncios e a resistência andam lado a lado, nem tudo está dito ou presente. O museu, para nós, é um lugar discursivo em que alguns sujeitos ocupam a posição de produzir ali “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1975, p. 72), ou silenciado, sendo o “Museu das Missões” constituído por uma memória institucionalizada que traz consigo a ideologia dominante da época em que o indígena não fala, apenas aparece em alguns traços das esculturas dos santos que produziu; e, no Museu “Ponto da Memória Missioneira”, a narratividade sobre a cultura dos indígenas tem outro espaço, sendo posta à mostra a partir dos artefatos culturais que guarda.

Assim, observamos como cada espaço produz uma narratividade sobre os fatos da história de modo diferente, vinculada às condições de produção dos discursos à época de sua constituição. Logo, as versões da história dependem de quem conta e de que lugar ela é contada, sendo sempre passível de interpretação.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BRASIL. **Decreto-lei 2.077**, 8 de março de 1940.
- CERVO, L. M. A língua, o museu e os espelhos. **Rua**, Campinas, v. 2, n. 21, p. 363-380, nov. 2015.
- MASSMAN, Débora. Museu: turismo, punição, silêncio. **Rua**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 555-571, nov. 2020. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 09 fev. 2021.
- ORLANDI, E. P. **As Formas de Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Eu, Tu, Ele** - Discurso e Real da História. 2. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. P. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v. 9, jul. 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 01 fev.2021.

- ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista discurso do confronto**: Velho e Novo Mundo. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- ROMÃO, L. M.S. **Exposições do Museu de Língua Portuguesa**: arquivo e acontecimento e(m) discurso. São Carlos: Pedro e João, 2011.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso** - uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1997.
- THIELKE, N. **O Percorso das imagens**: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903 – 1940). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- VENTURINI, M. C.; RASIA, G. S. (org). **Museus, Arquivos e Discursos**: Funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- VENTURINI, M. C. (org). **Museus, Arquivos e Produção do Conhecimento em (Dis)curso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- VIVIAN, Diego Luiz. Ponto de Memória Missioneira: iniciativas comunitárias de preservação e promoção do patrimônio cultural em São Miguel das Missões. *In*: BAPTISTA, Jean; SILVA, Cláudia Feijó da (org.). **Práticas comunitárias e educativas em memória e museologia social**. Rio Grande: FURG, 2013. p. 33-48.